

Uma análise da tendência tecnicista na atuação do professor de Educação Física Escolar

An analysis of the technicist tendency in the scholastic physical education performance

Paulo Clepard Silva Januário

Licenciado em Educação Física pela Uninove
São Paulo, SP – Brasil
paulo_clepard@yahoo.com.br

André Luis de Oliveira

Mestre em Educação pela PUC – SP
Docente da Universidade Nove de Julho
São Paulo, SP – Brasil
andrelo@uninove.br

Alessandro Barreta Garcia

Mestre em Educação pela Uninove – SP
Docente da Universidade Nove de Julho
São Paulo, SP – Brasil
alessandrogarcia@hotmail.com

Resumo

A pedagogia tecnicista é uma abordagem que se iniciou no Brasil entre as décadas de 60 e 70 do século passado, enraizada pelo golpe militar e profundamente influenciada por ele e ainda é possível perceber algumas de suas características. Essa corrente, nascida nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, tem como base a Filosofia Positivista, de Comte (1798-1857) e a Psicologia Comportamental, de Skinner (1904-1990). Portanto, neste estudo, temos por objetivo verificar os pontos convergentes entre as características da tendência tecnicista e a atuação do professor de Educação Física Escolar. Foram entrevistados educadores de escolas públicas e privadas, utilizando uma entrevista semi-dirigida. Os resultados demonstram que existem grandes diferenças na atuação das instituições pública e privada, sendo que o docente da primeira entrevista (pública) revelou algumas características acentuadamente tecnicistas.

Palavras-chave: Atuação profissional na Educação Física Escolar. Tecnicismo. Tendências educacionais.

Abstract

The technicist pedagogy is an approach that began in Brazil between the 60's and 70's of the last Century deeply affected by the military coup; it's possible to notice some of its characteristics. This tendency, originated in the United States in the second half of the 20th Century, has its bases on the Positivist Philosophy of Comte (1798-1857) and the Behaviorist Psychology of Skinner (1904-1990). Therefore, in the present study, we aimed to verify the points of convergence between the characteristics of trend technicality and the interaction of the teacher of Physical Education performance at School. We interviewed teachers from public and private schools, using a semi-directed interview. The results show that there are large differences in performance of public and private institutions, and the teacher of the first interview (public) revealed in their work, some characteristics markedly technicist.

Key words: Educational Tendencies. Professional Performance in Scholastic Physical Education. Technicism.

1 Introdução

Existe atualmente crescente interesse, por parte dos educadores, na busca pelo aprimoramento do ensino, de modo que conteúdos sejam apreendidos pelos estudantes de forma cada vez mais eficaz. Entre os educadores da área da Educação Física não é diferente. Entretanto, neste âmbito, deparamo-nos com um dilema histórico que transcende a metodologia e envolve toda uma ideologia fortemente arraigada na nossa cultura e na sociedade e que se refere não somente à Educação Física Escolar, mas a toda a história do esporte no Brasil, e os papéis que tem cumprido na nossa sociedade ao longo do tempo.

O tecnicismo é notório desde a época do ensino esportivo tradicional brasileiro, inclusive no contexto escolar. Durante o golpe de 1964, o esporte no Brasil passa a assumir essencialmente características do próprio período, camuflado em ideias culturais. Na década de 1970, a Educação Física sofreu influências importantes no aspecto político. O governo militar investiu nesta disciplina em função de diretrizes pautadas no nacionalismo, na integração entre estados e na segurança nacional, objetivando tanto a formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável como a desmoralização das forças políticas opositoras. As atividades esportivas também foram consideradas importantes na melhoria da força de trabalho para o “milagre econômico brasileiro” e, nesse período, estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo. Um bom exemplo é o uso que se fez da campanha da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970, quando houve grande movimento em prol da seleção, embora por trás dos bastidores houvesse grandes crimes políticos (CASTELLANI, 1988).

Concomitante a este aspecto militar, houve a atuação dos militares dentro da escola ensinando o esporte, de forma puramente tecnicista, inspirada em ações mediante estímulo e resposta (teoria de Skinner), composta por comportamentos e técnicas específicas. De acordo com Castro (1996) nesse período de ditadura, o esporte fora incentivado pelo governo para que mantivessem os alunos afastados das atividades políticas. Contudo, ao final do regime, a Educação Física sofreu mudanças que foram observadas por estudiosos com o passar dos anos, abrindo caminho para uma tendência educacional progressista, mais flexível, trazendo a ideia de um profissional mais “aberto”, um profissional identificado como facilitador da aprendizagem, com ideias inovadoras, permitindo ao aluno interagir com o ambiente de estudo, quebrando o tradicionalismo. Porém, há indícios de vestígios do aspecto tradicional e tecnicista na atuação do profissional de Educação Física Escolar ainda nos tempos atuais.

Considerando o contexto que nos é apresentado, este trabalho propõe-se a estudar as características da tendência tecnicista e verificar em que aspectos se fazem presentes na atuação do professor de Educação Física Escolar.

Este estudo adquire relevância quando consideramos a importância da Educação Física no contexto escolar e a sua necessidade de reconhecimento como disciplina que proporcione ao estudante conhecimentos necessários para ser um indivíduo fisicamente educado, com capacidade de adotar hábitos de qualidade de vida. Sendo assim, faz-se mister rever constantemente a prática do ensino da Educação Física na escola na busca de aprimoramento contínuo.

Cabe destacar que este estudo não se propõe ser diretivo, no sentido de indicar quais métodos pedagógicos sejam os mais pertinentes e eficazes

ao ensino da Educação Física, mas relacionar o tecnicismo à atuação do professor desta disciplina com um olhar crítico, refletindo sobre seus aportes e dificuldades.

Neste estudo temos como meta, analisar as características da tendência tecnicista educacional no Brasil e compará-las à atuação do profissional de Educação Física Escolar atual, com a finalidade de verificar os pontos convergentes. Com base nos aspectos históricos e teóricos, identificar na atuação do educador os aspectos tecnicistas e quais metas a serem alcançadas dentro das aulas, através das relações professor-aluno e da metodologia aplicada nas aulas.

2 Revisão de literatura

2.1 História da Educação Física no Brasil

A história da Educação Física e a dos desportos no Brasil, seus atos e fatos de sua evolução foram divididos em três períodos, segundo Ramos (1983):

- 1º período: Brasil Colônia (1500 - 1822);
- 2º período: Brasil Império (1822 - 1890);
- 3º período: Brasil República (1889 - momento atual).

Não pretendemos, neste trabalho, aprofundarmos nos períodos anteriores à República, porém pontuaremos algumas características da Educação Física nos períodos da Colônia e do Império. Podemos mencionar que nesses períodos as atividades desportivas seguiam o modelo inglês (RAMOS, 1983).

Segundo Castellani (1988), desde o século XIX, a Educação Física foi entendida no Brasil como um instrumento para lograr um indivíduo com o

corpo forte e indispensável requerido por um país em fase de desenvolvimento, recém saído de sua condição de colônia portuguesa.

A Educação Física iniciou-se na educação brasileira com fins militares e higiênicos. Encontramos as primeiras produções científicas da área na época do Brasil Império, quando muitos doutorandos do Colégio do Rio de Janeiro (Faculdade de Medicina) abordavam temas da Educação Física em suas teses.

No Brasil a influência dos militares na Educação Física é muito notória e o seu desenvolvimento esteve baseado em métodos ginásticos, como os de Jahn (Alemanha), de Ling (Suécia) e de Amoros (França), todos com pensamentos nacionalistas (CASTELLANI FILHO, 1988).

Desde a época imperial brasileira, os militares têm exercido grande influência na prática e no ensino da Educação Física. Vemos, como primeiro exemplo dessa influência, a criação da Academia Real Militar, pela Carta Régia de 4 de dezembro de 1810 e, em 1860, a introdução da ginástica alemã por meio da nomeação do alferes do Estado Maior de segunda classe, o alemão Pedro Guilhermino Meyer; e vemos, também, que o militarismo continuou influenciando com a fundação do estabelecimento especializado mais antigo do país, a Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, em 1910, e a criação do Centro Militar de Educação Física, em 1922 (CASTELLANI, 1988).

O mesmo autor coloca que, não somente o militarismo, mas também a medicina da época contribuiu com a “contaminação” das origens da Educação Física pela ideias positivistas (que visavam a manutenção do *status quo*) e higienistas (que visavam a manutenção de determinados padrões de conduta física, moral e intelectual da sociedade). A finalidade da medicina higienista era “exterminar a desordem higiênica dos hábitos coloniais” por inter-

médio de uma educação moral, física, intelectual e sexual imposta à sociedade, utilizando-se da prática esportiva para tal. No tocante à educação sexual, o papel da Educação Física era formar homens e mulheres reprodutores de proles saudáveis e raças puras.

A Educação Física então, respondia às demandas da elite hegemônica que impunha essas condições morais às famílias e via a atividade física como “receita médica” para a obtenção de força física e de um corpo saudável para a produção material, valorizada na sociedade capitalista que se iniciava (GÓIS; LOVISOLO, 2003).

Os educadores passaram a defender a introdução da Educação Física no sistema escolar por influência higienista, a contragosto da elite, que valorizava o trabalho intelectual em detrimento do trabalho físico. Entretanto, a Educação Física era aceita pela classe dominante quando vista de outra perspectiva, não na sua relação com o trabalho, mas com o lado lúdico, o preenchimento do tempo livre. Esta ideia dicotômica que relacionava a Educação Física somente ao corpo, e não à mente, predominava na ideologia social, inclusive entre os defensores da área (CASTELLANI, 1988).

A Educação Física através do tempo tem sido utilizada como meio de manipulação para manutenção da ordem e do ‘status quo’. Não foram poucos aqueles que viram na Educação Física e Desporto um eficaz instrumento de manipulação e dela vêm se servindo para atender seus objetivos (CASTRO, 1993, apud CASTRO 1996, p. 86).

No Brasil República, de 1889 a 1930, houve vários avanços relatados a respeito da Educação Física. Em 1929 instalou-se o Curso Provisório de Educação Física, na Vila Militar. Nesse curso, ini-

ciado pelo Dr. Fernando de Azevedo, diretor de Instrução Pública do então Distrito Federal, foi matriculada uma turma de professores primários (para futuramente lecionar no ensino público), aumentando, assim, a importância do empreendimento na Educação Física. Isto marcou uma ação decisiva na implantação da Educação Física no meio brasileiro (RAMOS, 1983). A atividade física na escola, portanto, em nada se diferenciava da atividade física nos quartéis. Os alunos apenas reproduziam movimentos de forma passiva e disciplinada, seguindo a voz de comando provinda do professor.

Em 1930 o Curso Provisório foi transformado no Centro Militar de Educação Física e passou a funcionar em Fortaleza. Após a vitória da Revolução, é criado o Ministério da Educação e Saúde (RAMOS, 1983).

A partir de 1930 houve uma mudança na concepção de Educação Física, que se torna disciplina obrigatória nas escolas brasileiras. Com esta obrigatoriedade, o exército brasileiro passa a adotar o método francês, deixando de lado o antigo método, o alemão. O pessimismo do século XIX passa a ser substituído por várias ideias de um Brasil Futuro, ou seja, otimismo. Com o otimismo, a Educação Física torna-se um ponto de estratégico, a produção acadêmica passa a ser mais valorizada, por isso, nessa época, surgiram várias revistas científicas para atualizar os profissionais da área de Educação Física.

De acordo com Oliveira (2002), o conjunto de procedimentos oficiais, institucionais e profissionais produziu uma nova forma de conceber no Brasil, desde o final dos anos 1960, a Educação Física no interior da instituição escolar, com base no diálogo crítico com a recente produção historiográfica da educação. Aqueles procedimentos foram orientados no sentido de dotar essa prática escolar de uma maior legitimidade acadêmica, por meio de um

amplo programa de massificação de seus conceitos e práticas, de maciços investimentos estatais em pesquisas nesta área, da necessidade da formação de especialistas mediante a expansão dos cursos de formação superior e de um aparato legislativo que defina com rigor padrões de referência para a sua prática escolar.

No decorrer do Regime Militar, a educação, de um modo geral, sofreu as implicações do caráter antidemocrático desse regime: muitos educadores foram perseguidos por seus posicionamentos ideológicos e políticos contrários ao governo. Foi uma época em que professores e estudantes foram presos, universidades foram invadidas, alguns professores foram demitidos; outros calados para sempre, exilados e alguns trocaram de função. Podemos dizer que foram acontecimentos lamentáveis, especialmente ao lembrar que o período anterior ao Regime Militar (1946-1964) foi justamente o momento mais fértil da educação brasileira, quando grandes educadores marcaram nossa história com sua brilhante atuação, como foi o caso de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Carneiro Leão, Paulo Freire entre outros.

2.2 Tendência tecnicista

A década de 1960 foi época de grandes transformações, como protestos estudantis, movimentos de contracultura, movimento feminista, liberação sexual, movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, luta contra a ditadura no Brasil, entre outros. Não é coincidência que surgissem, também nessa época, linhas de pensamento opostas à estrutura da educação tradicional (SILVA, 1999).

Segundo Aranha (1996), a ditadura militar proporcionou 20 anos de medo aos brasileiros, que presenciaram a ausência de um estado de direito. Os

“anos de chumbo”, como menciona a autora, foram extremamente prejudiciais à cultura e à educação, trazendo prejuízos econômicos, políticos e enorme aflição aos torturados e extremo sofrimento às famílias dos desaparecidos. Seguido às sucessões de presidentes militares, os brasileiros perdem suas opções participativas e críticas, fragilizados pela imposição da ditadura que age com violência, mediante medidas autoritárias impostas. Temos como exemplos a Lei de Segurança Nacional, o Serviço Nacional de Informações, a cassação de direitos políticos, exílio, prisões políticas, inquéritos militares, repressão às greves etc.

Segundo Ghiraldelli (2001), identificam-se muitas características tecnicistas desde o movimento da escola nova, em meados dos anos 20 e 30 do século passado, sendo claramente notável no escolanovismo piagetiano dos anos 1960 e 1970. O tecnicismo, enquanto movimento, surgiu nos Estados Unidos durante a segunda metade do século XX e, no Brasil, a partir do golpe militar em 1964, influenciado principalmente pelas correntes positivista de Comte e behaviorista de Skinner (GARCIA, 2005). Durante a década de 1970, a tendência tecnicista cresceu com características próprias, passando a ser considerada a pedagogia oficial, sendo notória nas bibliografias adotadas nos concursos públicos para atuação no magistério. Também as publicações pedagógicas tecnicistas obtiveram um aumento considerável. Apesar do volume de publicações nessa época, o debate filosófico ficou reduzido no campo educacional, debates como Skinner *versus* Piaget centralizavam a atenção do grupo de professores.

O positivismo é uma corrente filosófica iniciada por Augusto Comte (1798 – 1857) e propõe que somente os conhecimentos baseados em fatos observáveis podem ser considerados reais; e as leis que regem os fenômenos podem ser apreendidas por

meio da observação e do raciocínio. O positivismo redonda no cientificismo: o método científico (a observação e a experimentação) passa a ser estendido para outros campos do conhecimento e da atividade humana. Aplicando-se o positivismo ao estudo do comportamento humano, temos as concepções deterministas, que aplicam ao comportamento as mesmas leis invariáveis que regem os fenômenos naturais (ARANHA, 1996).

Segundo a corrente positivista, o ser humano é visto como produto do meio, resultado das influências culturais e sociais a que está submetido e passível de controle pela educação. O fato de Portugal, na época da colonização do Brasil, ser um país extremamente atrasado com relação aos demais países europeus, fez com que o Brasil sofresse de uma “síndrome de insuficiência filosófica” (CASTELLANI, 1988), o que contribuiu para que as ideias positivistas fossem facilmente aceitas e disseminadas na nossa sociedade. Somam-se a este fator os anseios pelo progresso, anseios estes predominantes, e praticamente unânimes, na sociedade da época.

Segundo Skinner (1998) o comportamento é determinado por suas consequências, ou seja, o comportamento é emitido para obter uma recompensa ou evitar (ou adiar) um desprazer. Esse autor sustenta que existem agências capazes de manipular algumas destas consequências a fim de controlar certos comportamentos, são as chamadas de Agências Controladoras, entre as quais temos o governo, a religião, a economia, a psicoterapia e a educação.

Talvez o mais óbvio tipo de controle seja o governamental, que se utiliza principalmente do poder para punir. Apesar de nem sempre exercer um controle concreto, o governo emprega assclas – intermediários – que serão governados por ele. O governo tem a preocupação de estabelecer

o comportamento obediente, já que essa atitude prepara o indivíduo para ocasiões futuras que não podem ser previstas, para as quais o indivíduo não tem resposta e, portanto, simplesmente faz o que mandam. (SKINNER, 1998).

Cabe à educação, como modelação do comportamento (ARANHA, citado por GARCIA, 2005), manter o *status quo* e aperfeiçoar o sistema social vigente, o que implicava na época uma articulação direta com o sistema político e produtivo.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (AURÉLIO, 1993), entende-se por técnica “[...] o conjunto de processos duma arte ou ciência [...]”, por tecnicidade “[...] qualidade ou caráter do que é técnico [...]” e por tecnicismo “[...] abuso da tecnicidade [...]”.

Aranha (1996) relaciona o crescimento da importância dada à técnica ao desenvolvimento industrial e científico do mundo contemporâneo, em que passou a ser requerida uma formação técnica especializada, para que o trabalhador pudesse acompanhar e atender às demandas próprias do momento sócio-econômico.

Essa autora acrescenta que, esta corrente de pensamento que se iniciou principalmente nas grandes empresas, estendeu-se ao Estado, aos partidos e, inclusive, ao âmbito escolar, em resposta à decepção gerada pela escola nova ao não atender algumas expectativas depositadas sobre ela. Assim surge a escola tecnicista, de origem norte-americana, como extensão dos processos organizacionais da indústria.

Sendo assim, na educação preponderam os aspectos organizacionais do sistema de ensino, que é voltada para a racionalidade, a eficiência e a produtividade.

A prática escolar, nessa perspectiva e contexto brasileiro, tinha como função adequar o ensino com

a proposta econômica e política da época (regime militar), portanto buscava preparar mão de obra que pudesse ser aproveitada pelo exército e pelo mercado de trabalho.

Uma vez que esta tendência considera o ser humano como resultado das forças existentes em seu ambiente, o aluno é visto como um recurso humano (meio) para o mercado de trabalho, estabelecendo uma relação em que o professor planeja e o educando executa, apresentando, assim, comportamentos esperados. É o técnico quem seleciona e desenvolve o conteúdo e o método que garantem a suposta eficiência e eficácia do ensino.

Com base na competência, Castro (1996) diz que a educação brasileira reflete uma cultura autoritária, sendo o professor possuidor do poder, responsável por apenas falar aquilo que possui como conhecimento, seus pensamentos ao aluno, este aceitando de forma passiva, sem manifestações, anulando toda a possível participação do aluno no processo de ensino ou aprendizagem, acentuando a obediência e ao não questionamento.

O vínculo professor-aluno caracterizava-se por uma relação “instrutor-recruta”, devido à influência militar sofrida pela Educação Física Escolar, mas, também, por uma relação “treinador-atleta”, já que o esporte determinava o conteúdo de ensino da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Estes autores afirmam que a Educação Física Escolar revelava uma identidade esportiva que veio a ser fortalecida pela pedagogia tecnicista, já que possuíam os mesmos pressupostos de racionalização, busca da eficiência e da eficácia.

Nesta abordagem, as práticas avaliativas baseiam-se em procedimentos mecânicos-burocráticos, como aplicação de testes, seleção de alunos, atribuição de notas e detecção de talentos, como explicam os mesmos autores.

3 Método

Para o desenvolvimento teórico do estudo, foi utilizada a pesquisa historiográfica sobre o tema apresentada em livros, artigos.

Os sujeitos desta pesquisa foram dois professores de Educação Física, sendo que um deles atua em uma instituição pública e o outro, em instituição privada.

Foram realizadas duas entrevistas semi-dirigidas (Perguntas anexadas - Anexo 1) abordando aspectos do ensino da Educação Física na instituição escolar: objetivos e conteúdos das aulas, relação professor-aluno e formas de avaliação.

Os dados obtidos (Anexo 2) em ambas as entrevistas foram analisados de forma qualitativa, à luz do tecnicismo e, comparados entre si, constituindo um estudo de caso.

4 Análise dos resultados

Neste item, foram tratados os resultados da pesquisa a partir do significado semântico das palavras, tendo como base as dimensões teóricas oferecidas entre os feixes de relações, que poderiam ser interpretados neste caso através de uma palavra, podendo assim dar sentido ao objeto pesquisado (MOSCOVICI, 2003).

Para contribuir com a análise, utilizou-se dos pressupostos semânticos oferecidos por Ilari & Geraldi (2001), conforme o entendimento das ambigüidades (duplicidade de sentido), do ato da fala (ações que o locutor pratica), da estrutura semântica (conjunto de elementos e relações relevantes para determinar o sentido de uma expressão ou oração), da paráfrase (equivalência de sentido que os locutores estabelecem entre orações diferentes),

da sinonímia (identidade de sentido que os autores reconhecem entre duas palavras). A partir da proposta de Moscovici (2003) foram demarcadas as expressões que evidenciaram as respostas dos participantes da pesquisa, sendo analisadas em formato de categorias de significado.

5 Um estudo comparativo entre as discussões teóricas e os relatos docentes

Na Tabela 1 encontram-se sintetizados os dados obtidos nas entrevistas realizadas, organizados segundo os aspectos nelas questionados. As entrevistas transcritas na íntegra encontram-se anexadas a este trabalho (Anexo 2).

Docente A - trata-se de um professor de Educação Física, do sexo masculino, da rede pública estadual. Formado em 1995, pós-graduado.

Docente B - trata-se de uma professora de Educação Física, do sexo feminino, da rede particular. Formada em 1992, pós-graduada, cursando Faculdade de Pedagogia.

6 Discussão

Podemos observar uma notável diferença na atuação destes dois docentes que estão intimamente ligadas ao contexto em que atuam (público x privado), entretanto, também observamos diferenças que não estão diretamente ligadas a esses contextos, mas à visão de cada docente com relação à Educação Física Escolar, aos alunos e à sociedade.

Com relação aos conteúdos ministrados encontramos na atuação do docente A um conteúdo mais técnico, implemento de gestos específicos das

atividades esportivas e a predominância de atividades práticas, o que nos leva a pensar em pressupostos tecnicistas, como já comentado segundo Coletivo de Autores (1992).

Já na atuação do docente B, notamos conteúdos que fogem aos limites da prática esportiva, incluindo atividades diferenciadas, lúdicas, cooperativas e de socialização. Com isto, vemos superados os pressupostos tecnicistas no tocante ao conteúdo e à identidade esportiva da Educação Física Escolar.

Referente aos métodos utilizados, os docentes A e B priorizam as atividades práticas, sendo que o docente B esclarece que utiliza o lúdico para a aprendizagem. Segundo Coletivo de Autores (1992), o lúdico é extremamente importante para estimular a criatividade no educando, assim como sua capacidade de produção cultural, tanto no trabalho como no lazer. Vemos também que o docente B, mesmo contando com materiais de qualidade fornecidos pela instituição, procura trabalhar com materiais alternativos, como a sucata. Tal não ocorre com o docente A por um lado, porém seus recursos são mais limitados que os do docente B. Entretanto, algumas limitações poderiam ser superadas com materiais alternativos.

No tocante à avaliação, de formas diferentes os docentes A e B respeitam a individualidade do educando e distanciam-se da tendência tecnicista, uma vez que não se limitam a práticas avaliativas mecânico-burocráticas, como aplicação de testes, seleção de alunos, atribuição de notas e detecção de talentos, como explica Coletivo de Autores (1992). A avaliação do docente B aparenta ser mais abrangente, considerando aspectos que vão além do movimento, incluindo o lado cognitivo, afetivo e social, enquanto o docente A atribui maior importância ao movimento.

Tabela 1: Comparativo das entrevistas dos docentes de Educação Física

Aspectos observados	Docente A	Docente B
Conteúdos	Aquisição de gesto técnico, de forma lúdica. Prática esportiva. Pouco conteúdo teórico.	Há conteúdos programados pela escola e alguns trazidos pela professora. Fundamental: desenvolvimento de habilidades motoras das básicas até as mais complexas: lateralidade, equilíbrio etc. Recreação para crianças de 1 ^a . e 2 ^a . série, raciocínio e equilíbrio para crianças de 3 ^a . e 4 ^a . série. Jogos cooperativos, socialização, conhecimento e vivência dos movimentos, noções esportivas, atividades aquáticas, folclore.
Materiais e métodos	Aulas práticas na quadra. Não consegue trabalhar todos os conceitos devido à realidade da rede pública, em que há falta de materiais, quadra em estado precário, dificuldade com a vestimenta do aluno, já que não se pode exigir uniforme.	Brincadeiras que simulam o movimento dos esportes. Uso de materiais fornecidos pela instituição e materiais alternativos (sucata). Uso de histórias. Adapta o conteúdo segundo o momento da aula.
Avaliação	Não cobra desempenho esportivo de alto nível, respeita a individualidade do aluno. Atribui maior importância ao movimento.	Retomada e conscientização ao final de cada aula para verificar aprendizagem. Registros. Volta calma. Não há cobrança com relação a gesto técnico. Considera a participação do aluno na aula, a parte social, cognitiva, afetiva e motora.
Relação professor-aluno	Vê a figura do professor como um detentor do conhecimento, cuja responsabilidade é passá-lo aos alunos. Sua relação varia conforme grupo, dependendo do perfil dos educandos, buscando que eles respondam aos seus comandos. Procura aproximar-se de uma figura paterna, busca estabelecer relação de amizade com os alunos.	Busca uma relação de igual para igual no momento de transmitir o conteúdo. Há flexibilidade, aproveita sugestões e materiais trazidos pelos alunos. Troca de informações. Valoriza a criatividade e o lúdico, procura desenvolver autocrítica do aluno. O aluno participa com <i>feedback</i> e sugestões, perguntas, assuntos trazidos de fora e questionamentos. Procura mostrar-se como uma figura materna.
Outros comentários	Relaciona a Educação Física com a prática esportiva e saúde, combate ao sedentarismo. Reconhece o contexto social que envolve o aluno, entretanto não o inclui nas aulas. Vê a Educação Física como uma disciplina pouco expressiva no Brasil, os profissionais; educadores e atletas, não são reconhecidos. Também coloca a prática esportiva como algo elitista, pois poucos podem pagar por uma instrução adequada.	No contexto da escola particular há cobrança por parte dos pais com relação à prática de esporte e torneios, porém a professora acredita que este fim cabe a escolas especializadas. À Educação Física cabe a formação do cidadão, valores culturais e não do atleta, considera contexto familiar e social. Coloca que a Educação Física no Brasil precisa crescer muito e precisa haver mais conscientização das pessoas a este respeito. Atribui a falta de conscientização à má atuação de alguns colegas.

Fonte: Os autores.

“Nós temos o conhecimento e temos que saber passar esse conhecimento para que nosso

aluno aprenda, se não, não adianta nada, você não vai ser professor [. . .]” (Ver Anexo 2 – entrevista A).

O docente A consegue romper com alguns aspectos do tecnicismo, o que pode ser visto no seu relato de como procura aproximar-se dos alunos e estabelecer uma relação de amizade, porém, nesta aproximação, ainda se mantém como uma figura de autoridade (figura paterna). Na medida em que vê a si próprio como possuidor do saber revela pressupostos tradicionalistas, conforme já explicitado neste estudo, segundo Aranha (1996).

Já o docente B, revela uma visão mais crítica, e demonstra o reconhecimento do aluno enquanto ser ativo, pois aceita sua participação e suas contribuições em muitos aspectos das aulas, “Eu sento ou ajoelho, não sou mais que eles e eles também não são mais que eu. Agora na hora de dar uma bronca eu tenho que dar [...], de amizade, de companheirismo, de ajuda e às vezes até de mãe [...]”. Este docente se identifica mais como uma figura de cuidado, que de autoridade (figura materna).

7 Considerações finais

A realização desta pesquisa resultou em uma grande experiência de aprendizagem acadêmica e possibilitou conhecer fontes de informação e publicações para obtenção de dados teóricos, assim como conhecer e pensar sobre as diferentes maneiras de ir a campo a fim de confirmar, aplicar e ampliar os conhecimentos teóricos, experiência que proporcionou imensurável amadurecimento profissional.

Ao longo deste estudo surgiram alguns desafios que precisaram ser superados, como a questão de organização pessoal e a das informações obtidas nas leituras, a reflexão dos diferentes métodos pedagógicos e da própria identidade da Educação Física

no cotidiano das pessoas, neste caso os educandos. Pensar sobre estas questões do estudo realizado foi uma aprendizagem que acrescentou no âmbito pessoal e acadêmico.

Com base no histórico traçado, na teoria estudada previamente e com base em experiências anteriores, esperávamos que houvesse uma posição mais tecnicista do docente da instituição pública (docente A), entretanto através da entrevista realizada, verificamos a tentativa de quebra dos modelos tradicionais e superação da tecnicidade, não sendo uma superação absoluta, pois há a predominância esportiva e o docente ainda traz aspectos evidentemente tradicionais e técnicos. Com relação ao docente B, as expectativas eram semelhantes, por conta da exigência que paira sobre a Educação Física, no sentido que a mesma seja uma disciplina com características eminentemente técnicas e esportivas.

Cabe destacar, aqui, que o desporto, mesmo exigindo, na prática, movimentos técnicos, não é necessariamente tecnicista, e sua utilização na escola não é negativa, mas este pode ser trabalhado de uma forma mais pedagógica, utilizando métodos mais flexíveis, oferecendo espaço para participação dos alunos, desenvolvendo senso crítico, trabalho em equipe, hábitos de qualidade de vida e proporcionando ao aluno aulas prazerosas. Estes elementos devem estar presentes não somente no esporte, mas em qualquer conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física escolar.

As práticas educativas acontecem em diversos âmbitos sociais, o que significa dizer que há uma dimensão pedagógica da Educação Física em todos os lugares em que ela acontece: nas escolas, nos clubes esportivos, nas academias de ginástica, nos hotéis de turismo etc. Estas atividades físicas e esportivas implicam uma condução pedagógica da formação

física, no sucesso escolar que os alunos demonstram nas atividades físicas.

Devemos considerar sempre que o professor de Educação Física é um pedagogo e a ele cabe contribuir para formação do cidadão nos seus aspectos biopsicossociais, portanto considerando o contexto biológico, psicológico, familiar e social que envolve o indivíduo. Desde esta perspectiva, a responsabilidade do educador físico é de extrema importância, inclusive na transformação da sociedade através do desenvolvimento da cidadania.

A atuação do professor de Educação Física vai além dos métodos e procedimentos educacionais e envolve a ideologia social a respeito da atividade física, pois há uma expectativa da sociedade de que a Educação Física seja eminentemente esportiva, de que haja cobrança da eficácia e da produtividade, visto que é o que se exige em qualquer outra situação na sociedade ocidental (nas empresas, no comércio, nas relações etc.).

Referências

- AURÉLIO, B. H. F. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- CASTELLANI, L., *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas/São Paulo: Papirus, 1988. 244p.
- CASTRO, W. L. *Por uma Educação Física reflexiva que aprofunde a conscientização dos alunos*. Perspectivas em Educação Física Escolar. Niterói - RJ. v. 1, n. 0, 1996. Disponível em: <www.efmuzambinho.org.br/refelnet/perspec/v1n0_96/conscien.htm>. Acesso em: 29 abr. 2006.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola – Implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2005.
- DE OLIVEIRA, M. A. T. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): histórias e historiografia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 51-75, jan./jun. 2002.
- FARIA, A. G. Reflexões sobre a Educação Física brasileira – A carta de Belo Horizonte. Campinas/São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 23, n. 1, set. 2001.
- FUSARI, J. C. *Tendências históricas do treinamento em educação*. São Paulo: FDE, 1992. (Série Idéias n. 3, on-line). Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/prf_a.php?t=001>. Acesso em: 22 fev. 2006.
- GARCIA, A. B.; CALDAS, M. H.; PEREIRA, E. O desporto como paradigma: um problema da Educação Física Escolar? In: Colóquio de Instituições Escolares, 2, 2005, São Paulo.
- GARCIA, A. B.; MONTEIRO, R. C.; MONTERO, E.G. *Representações sociais entre jovens praticantes de futsal*. Dialogia, São Paulo, v. 4, p. 89-95, 2005.
- GÓIS, E.; LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 25, n.1, p.7210, set. 2003.
- GHIRALDELLI Jr., P. *História da Educação*. 2. ed. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).
- ILARI, R.; GERALDI, W. J. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2001.
- LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola – Teoria e prática*. São Paulo: Alternativa, 2001.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003. 404p.
- OLIVEIRA, V. M. *O que é Educação Física?* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 113p.
- PILETTI, N. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Educação).

RAMOS, J. J. *Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias*. São Paulo: Ibrasa, 1982. 289-299p.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 1999.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. Editora Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ULASOWICZ, C.; PEIXOTO, J. R. P. Conhecimentos conceituais e procedimentais na Educação Física Escolar; a importância atribuída pelo aluno. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, Ano 3, n. 3, p. 63-76, 2004.

recebido em 24 abr. 2010 / aprovado em 15 jul. 2010

Para referenciar este texto:

JANUÁRIO, P. C. S.; OLIVEIRA, A. L. de; GARCIA, A. B. Uma análise da tendência tecnicista na atuação do professor de Educação Física Escolar. *Dialogia*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 199-210, 2010.